

Guerra revolucionária: afinidades eletivas entre oficiais brasileiros e a ideologia francesa (1957 – 1972)

Rodrigo Nabuco de Araujo^a, Richard Marin^b

^{ab}Institut Pluridisciplinaire pour les Etudes sur l'Amérique Latine à Toulouse, Université de

Toulouse 2-Le Mirail, 5 allées Antonio Machado,

31058 Toulouse, França

^arodrigo_nabuco@terra.com.br; marin@univ-tlse2.fr^b

Resumo : Nos últimos anos, pesquisas tanto na França quanto no Brasil foram desenvolvidas evidenciando a origem francesa das doutrinas de segurança nacional, que motivaram militares latino-americanos a tomar o poder nos anos 1956 a 1976. A partir de meados dos anos 1950, e paralelamente à guerra de independência da Argélia, o Exército francês concorreu com o estadunidense para conquistar o mercado de idéias latino-americano. Este era visto como primeiro passo para penetrar no mercado de venda de equipamentos militares. A proeminência norte-americana levou os adidos militares franceses a elaborar uma política de expansão visando à difusão de sua nova doutrina. Como sabemos, esta doutrina, que combinava ação militar com ação política, foi acolhida com muito entusiasmo pela cúpula superior de oficiais brasileiros. Veteranos da FEB, eles eram igualmente antigos alunos da Missão Militar Francesa.

Baseando-se na documentação dos adidos militares franceses no Brasil de 1957 a 1972, este artigo tenta demonstrar como o Exército francês organizou sua política de expansão comercial no Brasil. Conjugando a difusão de sua ideologia à valorização de seus equipamentos militares em revistas e livros, a política francesa esperava reconquistar seu antigo prestígio.

Résumé : Récemment des recherches développées en France et au Brésil ont mis en évidence l'origine française des doctrines de sécurité nationale. Dès le milieu des années 1950, simultanément à la guerre d'Algérie, l'Armée française a concouru avec son homologue étasunienne dans la conquête du marché d'idées latino-américains. Celui-ci représentait une clé pour pénétrer le marché de vente d'équipements militaires.

La mainmise étasunienne sur l'économie brésilienne contrainst les attachés militaires français à élaborer une stratégie d'expansion commerciale basée sur la diffusion de sa doctrine. L'alliance de l'action politique et de l'action militaire, fondement même de l'idéologie française, a été très bien accueillie par les officiers supérieurs brésiliens. Vétérans de la Force Expéditionnaire Brésilienne, ils sont aussi d'anciens élèves de la Mission Militaire Française.

Les sources de cet article proviennent des comptes-rendus et rapports des attachés militaires français au Brésil entre 1957 et 1972. A travers eux, nous essayons de comprendre comment l'Armée française conçoit sa politique d'expansion commerciale au Brésil. La politique étrangère française valorise l'équipement militaire français à travers la diffusion de sa doctrine, afin de recouvrer son ancien prestige.

Palavras-chave: relações franco-brasileiras; guerra revolucionária; ideologia militar; propaganda política.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tenta analisar dois aspectos das relações internacionais do Brasil durante o período de 1957 a 1972: por um lado o declínio da influência francesa dentro do Exército brasileiro e, por outro, a adaptação desse modelo militar francês pelo do Exército brasileiro.

A questão inicial deste trabalho provém de sugestões do professor Renato Lemos, coordenador do Laboratório de Estudos sobre Militares e Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Assim foi possível entrar em contato com os recentes trabalhos do professor João Roberto Martins, da Universidade Federal de São Carlos, sobre a ESG e a guerra revolucionária. Este analisa a doutrina francesa como principal motivação política dos militares brasileiros. Por conseguinte nós nos interrogamos sobre a difusão desta doutrina e sobre o êxito tão grande que ela encontrou em um contexto geral de declínio de influência francesa.

Num primeiro momento responderemos a esta questão através do conceito de afinidades eletivas que tomamos emprestado da teoria sociológica de Max Weber. Segundo Michael Löwy: « *designamos por "afinidade eletiva" um tipo muito particular de relação dialética que se estabelece entre duas configurações sociais ou culturais não redutível à determinação causal direta ou "influência" no sentido tradicional* » (LÖWY: 2004). Assim pode-se explicar porque alguns oficiais brasileiros, dentre os quais Odílio Denis e Humberto de Souza Melo, adotaram a doutrina de guerra revolucionária desenvolvida por oficiais franceses ao longo da guerra da Indochina (1945-1954).

Em seguida, com o intuito de entender o contexto de elaboração e de difusão da doutrina observa-se a história das relações militares entre a França e o Brasil e assim compreendermos a lógica e a motivação dos adidos militares franceses. Estes foram formados sem exceção na « escola colonial ». Abrimos assim o segundo ponto de discussão deste artigo que se refere particularmente aos elementos que contribuíram para a adaptação da doutrina francesa dentro do Exército brasileiro.

As fontes utilizadas para este estudo se encontram principalmente no Serviço Histórico da Defesa do governo francês, em Paris. São fontes que devem ser analisadas cautelosamente. Primeiramente, o adido militar, representante militar da política estrangeira escreve seus relatórios diretamente para o embaixador e para o serviço de inteligência francês (*Service de Documentation Extérieure et de Contre-Espionnage*). A informação transmitida pelo serviço de inteligência é muitas vezes o reflexo de uma tendência política, passando dessa forma

atreves de um filtro ideológico. Esse tipo de informação é freqüentemente manipulada, afim de melhor servir os interesses de dirigentes civis ou militares. Passando através desses diversos filtros institucionais, políticos e individuais, a informação se impregna da ideologia dominante. São os indivíduos e suas instituições que decidem quais informações serão transmitidas e no melhor dos casos conservadas. O mais importante para as autoridades francesas na época era sem dúvida restabelecer relações diplomáticas favoráveis ao seu comércio e à sua industria.

Após a Segunda Guerra mundial, sobretudo durante as guerras da Indochina e da Argélia, os oficiais franceses responsáveis da política militar refletiram sobre as diversas causas de sua derrota. A conclusão à que chegaram sublinhava a contradição entre nos interesses políticos e militares, era uma evidencia para eles que o Exército deveria conceber e aplicar sua própria política.

A originalidade da doutrina francesa, fruto de uma profunda reflexão sobre sua derrota, seria a de conjugar diversas culturas estratégicas e oferecer um sistema de reflexão heterogêneo. Esse sistema, baseado numa teoria sólida de enquadramento e organização da sociedade, encontraria um grande sucesso e se consolidaria como um dos principais elementos de exportação do Exército francês. Conscientes desse interesse, os responsáveis militares franceses traçaram um projeto de expansão comercial baseado na difusão dessa doutrina. Mas seu sucesso foi relativo e cada país adotou pontos específicos da ideologia francesa. De forma que o Quai d'Orsay e a divisão de serviço de inteligência e relações internacionais do Exército francês desenvolveu uma nova estratégia, baseada na venda de equipamentos adaptados à nova doutrina de guerra. Assim à política mercantil foi conjugada a expansão da doutrina.

2. OBSERVAÇÃO, TEORIZAÇÃO E DIFUSÃO DA EXPERIÊNCIA CONTRA-REVOLUCIONÁRIA

« Na Indochina, no Marrocos, na Tunísia, o Exército francês se deparou diretamente com adversários que conduziam uma guerra revolucionaria. Desta forma ele foi levado a refletir sobre esse modo de guerra cujos perigos são conhecidos tanto para a nação quanto para o mundo livre. » (LACHEROY: 1957)

A frase citada acima introduz o primeiro número especial da *Revue Militaire d'Information* de 1957. O índice de publicações anteriores que encontramos no final da revista denota um importante movimento intelectual em torno deste novo conceito, atestando do surgimento de uma verdadeira escola de pensamento. O coronel Charles Lacheroy, comandante desde 1955 do *Centre Militaire d'Information et de Spécialisation pour l'Outre-Mer* cumpre um papel considerável na elaboração e na propagação, no seio das forças armadas, de idéias novas sobre a guerra revolucionária.

O coronel segue afirmando que « *todos o oficiais – tanto da reserva quanto da ativa – devem contribuir à elaboração de uma doutrina adaptada às condições da guerra revolucionária. Suas experiências – muitas vezes adquiridas em condições severas – não devem ser perdidas, mas muito pelo contrário, aproveitadas para o bem de todos nós* » (LACHEROY: 1957). Ao final Lacheroy reivindica um movimento de teorização para elaborar uma nova estratégia, baseada na experiência francesa da Indochina a ser aplicada na Argélia. O Exército aprendia com seus erros.

A primeira resposta dos militares franceses à guerra revolucionária foi tentar compreender seu mecanismo de funcionamento. Segundo Lacheroy o aspecto mais importante da guerra revolucionária é a psicologia do combate e da população, levando em conta os aspectos ideológicos da ação e do moral dos combatentes. A través da observação e da análise do comportamento inimigo os oficiais franceses manifestavam uma certa admiração pela capacidade militar de seus adversários vietminhs que souberam vencer mesmo dispondo de equipamentos menos sofisticados e de exércitos irregulares.

A força do soldado *vietminh* provêm « *de um discurso solidamente edificado sobre os aspectos psicológicos, descrevendo o futuro dos combatentes como algo de muito melhor justificando os sacrifícios exigidos pela guerra* » (BEAUFRE: 1972). O fim justifica os meios segundo o general Beaufre, responsável do serviço de ação psicológica durante a intervenção francesa em Suez 1956. Valorizar os aspectos ideológicos permite exacerbar a expansão do comunismo na sociedade vietnamita, negligenciando o aspecto mais importante deste combate: a luta pela independência do Vietnam.

As representações do inimigo legitimam os métodos de guerra e situam o campo amigo. Portanto, os termos utilizados para designar os combatentes *vietminhs* variam segundo o contexto e o objetivo do discurso: os materialistas, os vermelhos, os revolucionários. Esse tipo de discurso serve para a elaboração de um inimigo que corresponda diretamente aos

nossos medos e aos nossos meios de defesa. Antes de encontrar um inimigo concreto e real, a sociedade constrói a imagem de um inimigo ideal. Progressivamente emerge a figura de um inimigo interno, dissimulado na multidão, impossível de distinguir da população. A ameaça interior legitimaria os principais métodos da ação militar francesa na Argélia.

O inimigo é descrito como um reflexo do próprio oficial francês, obedecendo a regras morais e ideológicas que guiam sua ação militar. Assim Lecheroy e seus seguidores são animados por uma ideologia colonialista e positivista forte, na qual a preservação do império e da civilização ocidental prevalece sobre todos os outros objetivos. Descrever a guerra revolucionária sob a forma de um combate político permite aos oficiais manipular dimensões políticas e psicológicas da população em função de uma geografia social precisa.

Adotando uma estratégia discursiva que opõe duas sociedades diferentes e dois “mundos” distintos, o então capitão Roger Trinquier transforma as teorias da guerra moderna num discurso inovador e original, enquanto o mérito de seus escritos é justamente o de reunir diferentes e antigos procedimentos de guerra (TRINQUIER: 1963). Os oficiais franceses assimilam à sua doutrina de guerra os diferentes aspectos evidenciados durante a Segunda Guerra mundial e a guerra da Indochina, legitimando práticas até então repudiadas, ao menos publicamente, pelo alto comando do Exército. Por conseguinte Roger Trinquier (1908 – 2000) elabora a técnica de divisão territorial e enquadramento urbano reaproveitando técnicas ancestrais utilizadas notadamente pela *Wehrmacht*, encorajando a denúncia e a delação. Os métodos de propaganda, de guerra psicológica, de sabotagem e de conquista ideológica da população contribuem para transformar a acepção tradicional da guerra. A ação do Exército francês se situa doravante entre conquista militar e conquista espiritual.

« No tocante à difusão escrita do pensamento francês, nosso esforço é notável e já nos traz resultados. Nossas revistas militares são muito apreciadas e têm diversos artigos reproduzidos em revistas brasileiras (...) Há dez anos, o Posto de Rio de Janeiro distribuía 5000 revistas e publicações militares e técnicas. Como consequência da supressão dos créditos disponibilizados pelo Ministério da Informação, esse número passou a 250 em média. Hoje em dia, se este número subiu a 2000, eu penso que nós poderíamos fazer ainda melhor.» (NORMAND: 1958)

A difusão do pensamento francês é garantida pelos adidos militares e pelas missões francesas; no seio do Exército a ação dos agentes franceses é reforçada por oficiais brasileiros que mantêm relações pessoais com os serviços consulares deste país. Podemos destacar Odílio Denis, Aurélio de Lira Tavares e Alfredo Souto Malan, os dois últimos são antigos

alunos da Escola Superior de Guerra de Paris, organizam conferências, debates e abrem novas perspectivas para a difusão do pensamento francês. Provindos de diversos horizontes políticos, tais oficiais entram em contato com os adidos franceses, particularmente com os coronéis Henri Lemond (1959 – 1962) e Pierre Lallart (1962 – 1965).

« *Em recente número do Boletim de Informação do Ministério da Aeronáutica, nove artigos sobre 15 provinham de publicações francesas: Revue Militaire Générale, Revue de Défense Nationale, Forces Armées Françaises, Revue Militaire d'Information.* » (A. NORMAND: 1958)

O índice das revistas revela um grande número de artigos dedicados à guerra psicológica, à guerra da Indochina e um número especial da *Revue de Defense Nationale* dedicado unicamente ao estudo da guerra revolucionária. Reunidos na categoria « *généralités* » da *Revue Militaire d'Information* de 1957, pode-se observar 13 artigos tratando diretamente deste tema, 56 dedicados a temas próximos ou similares, e cerca de quinze livros e revistas publicadas e difundidos em diferentes países. A *Revue de Défense Nationale* e a *Revue Militaire d'Information* são particularmente importantes, pois além de serem distribuídos oficialmente pela embaixada francesa no Rio de Janeiro, seus autores são teóricos da guerra revolucionária.

Desde de 1953 coronel Jean Nemo, especialista da guerra psicológica na Indochina, publica alguns artigos dedicados à guerra revolucionária e à arma psicológica (NEMO: 1953). No ano seguinte, Charles Lacheroy publica dois outros artigos respectivamente da *Revue de Défense Nationale* e na revista do *Centre Militaire d'Information et de Spécialisation pour l'Outre-Mer*, enquanto o comandante Jaques Hogard publica três anos depois um importante artigo de síntese sobre o assunto na mesma revista (HOGARD: 1956). Os volumes difundidos pela embaixada francesa correspondem aos anos 1956 e 1957, período de maior desenvolvimento teórico e prático da guerra revolucionária. Além desses artigos de revistas militares, encontramos citados nos índices destas revistas diversos livros puramente doutrinários, como os que citamos a seguir:

« *La guerre révolutionnaire* », pelo comandante Jacques Hogard, *Revue de Défense Nationale* (Dezembro 1956, janeiro – 1957); « *La révolution en Algérie* », por R. Schaefer, em *France-Empire*; *Contre-Guérilla* de P. Rolland, edições Lauvois; *La Chine du nationalisme au Communisme*, J.-J. Brioux, edições. Du Seuil; *L'étoile contre la croix*, de R.P. Dufay, edições Casterman; « *La victoire de l'armée sur la guérilla communiste* », por J. Denfreville, *Revue de Défense Nationale* (Outubro - novembro 1955); « *La guerre en*

Indochine », de Général Chassin, *Revue de Défense Nationale*; *Le vietminh et la guerre psychologique*, por Yvonne Pagniez, edições Du vieux Colombier.

A maior parte desses artigos citam ou se baseiam nos escritos revolucionários comunistas, tais como *O que fazer?* De Lênin (1902), *A revolução Bolchevique* de Trotski: (1918), *Problemas estratégicos da guerra revolucionária na China* de Mao Tsé Tung (1936) e alguns escritos do general vietnamita Võ Nguyen Giáp (1956). As sucessivas citações e deformações nesses textos têm por objetivo legitimar e afirmar o pensamento militar francês, na verdade parecem reproduzir os ensinamentos da *Ecole Militaire Spéciale de Saint-Cyr* e da *Ecole Supérieure de Guerre* de Paris. O Exército francês adotava a guerra revolucionária como doutrina oficial, incorporando seus métodos e suas táticas. Seus teóricos designam a nova teoria com o nome do problema que deseja combater: a revolução.

3. O USO DA MEMÓRIA NAS RELAÇÕES FRANCO-BRASILEIRAS

No Brasil se passaria o inverso do que ocorrera na Argentina. Como sublinhou Gabriel Périès, na Argentina o Exército francês transmitiu sua doutrina à través dos equipamentos e das diversas armas vendidas. O intercâmbio entre a França e a Argentina foi forte e consolidou uma política de cooperação profunda e duradoura. Enquanto lá a França transmitia técnicas, métodos e doutrinas vinculadas a seus equipamentos e tecnologias, no Brasil o processo de difusão da doutrina seguiria um outro caminho. O mercado de armas e equipamentos no Brasil era quase uma exclusividade das empresas norte-americanas. As sucessivas missões militares estadunidenses, estabelecidas no Rio de Janeiro em sua grande maioria, conseguiram por meio de acordos e pressões políticas influenciar o governo brasileiro, presidido por Vargas, a assinar uma série de acordos concedendo exclusividades no mercado brasileiro. Esse controle estadunidense dificultava o trabalho dos adidos militares franceses, que para contornar essa dificuldade elaboraram uma política de expansão comercial baseada no prestígio e no passado das relações franco-brasileiras.

Com efeito, a doutrina foi um meio de fazer concorrência ideológica aos Estados- Unidos. Mas ela foi também um meio de induzir o Exército brasileiro a utilizar técnicas e tecnologias francesas. Assim, a política de difusão da ideologia adquire um aspecto mais comercial, pois seu objetivo é abrir o mercado brasileiro aos produtos franceses.

O combate entre o Ocidente e o “mundo soviético” tomaria a partir de 1947 aspectos de uma corrida de armamentos na qual os países da América Latina, África e Ásia não eram incluídos, já que não dispunham de uma capacidade de produção tão elevada quanto a Europa, os Estados-Unidos e a União Soviética. A guerra revolucionária aparecia aos olhos de militares franceses e estadunidenses como o principal meio de intervenção Soviética em países periféricos. E dentro desses países era necessário elaborar novas táticas para combater o desenvolvimento da revolução. Inversamente à guerra fria, a guerra revolucionária é infinitamente pequena, se manifestando dentro das engrenagens políticas dos países, ameaçando-os do interior como um inimigo íntimo. Este tipo de ameaça é susceptível de abalar países da América Latina, da Ásia e da África, assimilando-os a um sistema internacional. O modelo militar francês desenvolvido durante a guerra da Indochina é aplicado na Argélia e responde a uma exigência de prevenção de conflitos, se baseando numa reflexão sobre o papel político do Exército. Contrariamente ao que havia ocorrido em 1918, a doutrina de guerra revolucionária é o resultado de uma reflexão sobre a derrota do Exército francês.

« Esse interesse cada vez maior prestado ao nosso pensamento militar provém tanto da fidelidade à memória dos antigos oficiais formado por nossas missões, quanto das afinidades intelectuais entre os brasileiros e nós. » (NORMAND: 1958)

O recurso ao passado para estruturar novas relações diplomáticas representa uma especificidade dos adidos franceses que utilizam a memória institucional para afirmar seus interesses e construir assim sua política estrangeira no Brasil. De forma que a cada momento das relações militares franco-brasileiras esse passado é lembrado como uma fonte de prestígio, representando um modelo a ser seguido. Esse aspecto faz da França um dos principais rivais dos Estados-Unidos no Brasil e na América Latina.

Para os adidos militares franceses ansiosos de recobrar a confiança dos oficiais brasileiros, a Missão Militar Francesa constitui uma referência constante e uma origem que convém de lembrar. A MMF formou uma importante parcela dos oficiais brasileiros entre 1920 e 1940, período no qual o Exército francês era considerado o mais desenvolvido, dispondo das armas e dos equipamentos mais sofisticados. As gerações de oficiais formadas sob a égide da MMF tomariam aos poucos as rédeas do poder dentro do Exército. Sua influencia na política militar brasileira seria cada vez mais importante, até que em 1964, eles ocupariam os postos mais altos, inclusive os de chefe de Estado. Para o Exército brasileiro,

cujo um grande número de oficiais da ativa são antigos alunos da MMF e dispõem de vínculos com militares estrangeiros, esse passado é fonte de prestígio. Os adidos militares visam particularmente esse grupo de oficiais, e tentam obter seu apoio seja explorando o desejo de escapar de uma relação de dependência com os Estados-Unidos, seja explorando seus vínculos com a elite nacional. De forma que a França é muitas vezes descrita como o parceiro ideal do Brasil.

Assim a lembrança de uma cooperação militar rica e cheia de resultados permanece viva, mesmo que o interesse intelectual e tecnológico da MMF seja reduzido no contexto do pós-guerra. As transformações no Exército francês durante a guerra da Indochina levam a uma total modificação da doutrina ensinada pela MMF. No domínio da formação militar e da organização de estágios os Estados-Unidos estão muito à frente da França. O adido militar francês utiliza este mesmo argumento para reforçar a necessidade de investir no Brasil.

Servindo-se dessa imagem do passado, os agentes da diplomacia francesa favoreceram a formação de afinidades entre eles e os oficiais brasileiros. Estas são objetivadas e valorizadas, tornando-se um dos pilares da política de expansão comercial e militar francesa no Brasil. Um dos principais elementos de exportação do Exército francês seria justamente sua ideologia.

« *Em novembro de 1960, Henri Lemond assinala que « um membro do Estado-Maior Brasileiro acaba de pronunciar ante um auditório de Oficiais gerais e de Oficiais deste Estado-Maior, uma conferência sobre 'A guerra insurrecional e a campanha da Argélia' » (LEMOND: 1960)*

No ano seguinte Lemond observaria o grande interesse manifestado pelo movimento de idéias francesas. Sobretudo porque « *a mediocridade da contribuição intelectual dos Estados-Unidos é sensível, sobretudo na Escola de Estado-Maior do Exército*» (LEMOND: 1961). Neste ponto o marechal Odílio Denis, ministro da guerra, confirma o ponto de vista de Lemond, dizendo que só a França está na medida de fornecer procedimentos e uma doutrina válida para o Exército brasileiro.

Para o adido francês é a melhor ocasião para defender os interesses franceses, numa tentativa de suplantar a presença norte-americana. Todavia, Lemond é prudente quanto à concorrência com os Estados-Unidos, pois « *afinal seria desejar uma luta desigual, dado a desproporção de meios. O mais indicado seria limitar-nos a apreender qualquer oportunidade de defender os interesses franceses* » (LEMOND: 1960).

Defender os interesses franceses equiivale a convencer os comandantes das escolas militares da importância de completar a formação de oficiais de elite com um estágio no exterior. Desde o final da Segunda Guerra mundial, o número total de oficiais brasileiros estagiários do Exército estadunidense é estimado a 3993 (ROBIN: 2004). Grande parte desses oficiais são antigos alunos da MMF. Em compensação, somente 48 oficiais completam suas formações na França. Baseando-se numa análise de diversos documentos, podemos estimar o número de oficiais brasileiros que cursaram estágios de formação em Paris a 11 entre 1946 e 1957 e a 31 entre 1958 e 1962. Estas estimativas não são, em nenhuma hipótese, representativas do conjunto de oficiais, pois somente uma elite militar segue a formação na Europa.

Mas o Exército brasileiro procura também formar professores e instrutores, a fim de apropriar-se dessas técnicas e poder retransmiti-las em suas escolas e centros de formação.

« Para limitar-nos ao âmbito militar, ano passado tinham [dois professores franceses]: um na Escola Técnica do Exército e outro no Instituto Tecnológico da Aeronáutica de São José dos Campos; este último contratado diretamente por brasileiros sem intervenção de nosso serviço cultural » (NORMAND: 1958).

4. A DOCTRINA FRANCESA DENTRO DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Raphaëlle Branche, questionando-se sobre a importância da informação durante a guerra da Argélia explica:

« Prova viva da adaptação do Exército francês aos métodos de seu adversário, o oficial de inteligência deseja ser junto com o oficial de ação psicológica a encarnação da nova guerra que o Estado-maior da 10ª região militar, estimulado pelo sucesso da 'batalha de Argel', procura levar a toda Argélia. » (BRANCHE: 2001).

Mas essa afirmação seria válida igualmente para a adaptação dos métodos da guerra revolucionária dentro do Exército brasileiro?

O governo Castelo Branco cria desde 1964 o Sistema Nacional de Informações, comandado pelo general de brigada Golbery do Couto e Silva, com a finalidade de centralizar os diversos e numerosos serviços de informações existentes. Ademais, a observação dos cálculos realizados pelo adido militar francês a respeito dos gastos com o serviço de inteligência no período 1967 – 1969 mostra uma alta de 49,5%, enquanto a alta com despesas militares é de 30% em média. A informação e o serviço de inteligência são erigidos como

principal preocupação do governo militar. Essa tendência se confirmaria com a posse do marechal Costa e Silva na presidência do governo e a de Edson Figueiredo no comando do Centro de Informações do Exército.

Dentre os principais atores da revolução, encontramos os oficiais pertencentes ao grupo Sorbonne, formados essencialmente por oficiais superiores diplomados da ESG cuja grande parte realizou estágio de aperfeiçoamento, seja nos Estados- Unidos seja na França. São eles que comandam as operações de repressão à guerrilha, através dos numerosos organismos de busca e exame de informações. Participam ativamente a busca de informações o serviço de inteligência de cada Arma, a Polícia Militar, a Polícia Federal e o DOPS.

Segundo Pierre Lallart, « *os serviços de inteligência possuem atualmente alguns elementos infiltrados em diferentes organismos de oposição e em muitos grupos armados que subsistem clandestinamente* » (LALLART: 1964). A infiltração, a delação e a tortura são métodos universais utilizados, sobretudo para arruinar o moral inimigo. O ponto central da guerra revolucionária é o controle da população, sem um enquadramento rígido e severo, é impossível combater o inimigo interior. Como disseram Lacheroy e Trinquier é necessário separar o óleo da água.

« *Os abusos da repressão, cobertos recentemente pelo general Humberto de Sousa Melo, chegando quase a levar à sua revogação, fizeram objeto de toda sua atenção, mas a ameaça é tão perigosamente latente que ele não pode hesitar quanto à escolha dos meios, sempre tentando controlar os limites* » (GUILLOT: 1972).

Se o adido militar francês se abstém de manifestar sua adesão ao governo ele pode, entretanto, observar como uma testemunha privilegiada a evolução da repressão e as mudanças que ocorrem dentro do regime militar. Beneficiando-se de imunidade diplomática, ele possui carta branca para percorrer todas as regiões militares. Como ele mesmo afirma a seu superior: « *o Exército brasileiro abre amplamente e até insolitamente para uma testemunha francesa as portas de suas casernas, de suas salas, de seus escritórios, etc...* » (GUILLOT: 1972).

A Polícia Militar é o setor policial que mantém o contato mais estreito com a população. Desde de 1964 « *o Exército organiza e administra as polícias militares dos Estados, que estão sujeitas a Inspeção das Policias Militares estabelecida no Estado Maior do Exército em Brasília. Essa força policial cujo efetivo atinge por volta de 150000 homens recebeu uma organização militar completa* » (WARTEL: 1969). A interferência do Exército nas forças

policiais não é sem conseqüências, pois exige a adaptação dos militares aos métodos policiais, ademais uma tal interferência é inconcebível sem um projeto político definido. O enquadramento da sociedade é uma função eminentemente política, que cabe à polícia, única detentora do monopólio da violência legal. Com o intuito de tornar sua ação legal, o Exército deforma as leis através uma série de atos institucionais, transformando-as sem as destruir.

Os métodos desenvolvidos pelo Exército francês na Argélia são amplamente aplicados no Brasil, tanto para combater a guerrilha urbana quanto para exterminar a resistência rural. Descrevendo a ação militar em São Paulo, Jean Louis Guillot, adido militar francês observa em seu relatório anual de 1972, « *Estamos revivendo uma verdadeira batalha de Argel* » (GUILLOT: 1972).

5. REFERENCIAS

- AGERON Charles-Robert. « Les guerres d'Indochine et d'Algérie au miroir de la 'guerre révolutionnaire' ». In : AGERON Charles-Robert et MICHEL Marc (org.), *L'ère des décolonisations*, Paris, 1995.
- BEAUFRE André. *La guerre révolutionnaire : les formes nouvelles de la guerre*. Paris, Fayard, 1972.
- BRANCHE, Raphaëlle. *La torture et l'armée pendant la guerre d'Algérie 1954-1962*. Paris, Gallimard, 2001.
- _____ « La lutte contre le terrorisme urbain ». In : JAUFFRET Jean-Charles, VAÏSSE Maurice (org.), *Militaires et guérilla dans la guerre d'Algérie*, atos do congresso organizado em Montpellier, CEHD, 2000.
- COMBLIN, Pe. Joseph. *Le pouvoir militaire en Amérique Latine. L'idéologie de la Sécurité Nationale*. Paris, Jean-Pierre Delarge éditeur, 1977.
- DOISE Jean, VAÏSSE Maurice. *Politique étrangère de la France. Diplomatie et outil militaire (1871 – 1991)*. Paris, éditions du Seuil, 1992 (1987).
- GUILLOT, Jean Louis (coronel). Relatório da visita do general Alain de Boissieu, (10 T 1109, SHD), abril 1972.
- _____. Relatório de informe, « Fiche Brésil pour la réunion d'information des Antilles-Guyane d'Octobre 1972 » (10 T 1112, SHD), 1972.
- LACHEROY, colonel. « Avertissement ». In : *Revue militaire d'Information*, Paris, n° 281, fevereiro/março 1957, p. 7.
- LALLART, Pierre (coronel). Relatório de informe, « Action révolutionnaire de l'Armée », septembre 1964, (10 T 1112, SHD), 1964.
- LEMOND, Henri (tenente-coronel). Relatório mensal, « Activité de l'Attaché Militaire, Naval et de l'Air en 1960 », (10 T 1112, SHD), 1960.
- _____. Relatório mensal, p. 25 (10T1112, SHD), 1961.
- LÖWY Michael. « Le concept d'affinité élective chez Max Weber ». In : *Archives de sciences sociales des religions*, 127, 2004.

- MANOR, Paul. « La *Cruzada Democratica*, un groupe de pression de la droite libérale dans l'armée brésilienne 1952-1962 ». In : *Revue française d'histoire d'Outre-mer*, 1979, n° 244 – 245, pp. 437 – 457.
- MARTINS FILHO. « A educação dos golpistas: cultura militar, influência francesa e golpe de 1964 ». artigo apresentado no congresso « The culture of dictatorship », University of Maryland, USA, 2004.
- _____. « Tortura e ideologia: os militares brasileiros e a doutrina da guerre révolutionnaire (1959-1974) ». Texto apresentado no congresso da « Latin American Studies Association », San Juan, Porto Rico, 2006.
- MAZZEI Daniel H. « La misión militar francesa en la Escuela Superior de Guerre y los origenes de la guerra sucia ». In : *Revista de Ciencias Sociales*, Buenos Aires, n° 13, 2002, pp. 105 – 137.
- NORMAND A.. Relatório de informe, « Rôle des forces armées françaises dans l'effort de propagande et d'expansion actuellement appliqué sur le Brésil », (10 T 1108, Service Historique de la Défense (SHD), Vincennes, France), 1959.
- PAHLAVI Pierre Cyril. *La guerre révolutionnaire de l'armée française en Algérie (1954 – 1961). Entre esprit de conquête et conquête des esprits*. Paris, L'Harmattan, 2004.
- PÉRIÈS Gabriel, *De l'action militaire à l'action politique. Impulsion, codification et application de la 'guerre révolutionnaire' au sein de l'armée française*. Tese de doutorado de História, Université Paris 1 – Panthéon – Sorbonne, 1999.
- _____. « Construire l'ennemi intérieur ». In : *Cultures & Conflits*, n°43, 2001, pp. 100 – 112.
- ROBIN, Marie-Monique. *Escadrons de la mort, l'école française*. Paris, éd. La Découverte, 2004.
- ROMOP, Maria. « Le Ve bureau ». In : JAUFFRET Jean-Charles, VAÏSSE Maurice (org.), *Militaires et guérilla dans la guerre d'Algérie*, atos do congresso organizado à Montpellier, CEHD, 2000.
- ROTMAN Patrick. *L'ennemi intime*. Seuil, Paris, 2002.
- SMALLMAN, Sawn. « A profissionalização da violência extralegal das Forças Armadas no Brasil ». In : CASTRO, Celso (Dir.) *Nova História militar brasileira*, Rio de Janeiro, éd. FGV, 2004, pp. 389 à 409.
- TRINQUIER, Roger. *Modern warfare. A French view of Counterinsurgency*. Combat Studies Institute, Virginia (E.U.A.), 1963.

6. AGRADECIMENTO

A Adriana Koyama pela ajuda na edição e por suas sugestões na correção deste artigo.